

“Toquem música seus malandros”

Há festas que ficam na memória pelo melhor e pelo pior. Em milhares de serviços que a Banda de Mateus fez, muitos deles possibilitaram fortes amizades entre músicos e pessoas que os recebiam. Nas despedidas havia expressões enternecidas que exprimiam sensações por vezes estranhas...raparigas que faiscavam lampejos de esperança e expeliam desejos de voltarem a ver os músicos por quem tinham simpatizado.

Havia até quebrantos de paixão que se desencadeavam nas festas e que só tinham combustível até que os últimos resistentes abandonassem o recinto. De facto, ir para esses lugares significava para tantos, horas bem passadas de grande felicidade. As gargalhadas soltavam-se fáceis e livres. Em cada momento desabrochavam das bocas quadras retintamente populares e piropos brejeiros e incandescentes de provocação. Imagens ternurentas pintadas de ruralidade e provincianismo ocorriam. Homens escarranchados nas cavalgaduras das éguas ou mulheres sentadas de lado nas burras de giesta na mão para verdascarem os animais aliviando-os das aferroadas do mosquedo e do calor. Em pose de Maria Nossa Senhora lá iam felizes em equilíbrio periclitante de saias. E raparigas que levavam ao lado delas leitõezinhos que haviam transportado no aconchego dos cestos...Sim, estes cenários de pachorrento bucolismo imprimiam mansidão e graça às grandes caminhadas até ao santuário da festa.

No dia em que a Banda de Mateus partiu para Mafomedes o sol logo de manhã espreitou ardente. Como quem desce às labaredas do inferno a banda chegou à aldeia deparando com uma comissão de festas castigadora. Os mordomos não apreciavam a arte dos sons. Queriam a banda para que os músicos calcorreassem todo o percurso da arruada em permanente andamento de “galope”. Durante esse tempo ninguém podia desfalecer ou dar sinais de cansaço. Foram horas dramáticas de toque permanente por caminhos de cabras, montes, quelhos e socalcos...tocar, tocar, era a palavra de ordem. Até os fedelhos mandavam tocar porque estavam instruídos para isso.

Algumas imagens ficaram na retina da extenuante arruada. Para vislumbre dos olhares uma jovem roliça com as maçãs do rosto rosadas como no apogeu da vida, acompanhou a banda bem perto da última fila porque lá, iam uns figurões bem-parecidos que tocavam clarinete com alegria e arte. Ao passarem por um pequeno mato os músicos depararam com a imagem dolorosa de um cavalo velho vergado ao peso dos alforges e à chibata castigadora do dono. Mais à frente ovelhas e cabras ferravam os dentes em pastagens pouco digestivas. O serviço da manhã só terminou por volta das 15 horas depois da missa cantada pela banda. Um mordomo de corpo musculado e selvagem queria que os músicos se apressassem no farnel para que às 4 da tarde estivessem no largo da festa a tocarem música de baile. “ Baile para as

bestas” protestou um músico já passado dos azeites. Esta exigência originou protestos acalorados de um elemento da direção da banda. A confrontação física esteve eminente.

António Meco e António Moura em boa hora pegaram nos instrumentos e desbobinaram uns temas bem animados e contagiantes. Outros colegas os seguiram. O povo, aos poucos esfriou os seus ímpetos enfurecidos. O milagre aconteceu. As modinhas da época fizeram alguns corações exultarem e o povo rendeu-se aos sons que arrastaram alguns foliões para a felicidade da dança. Alheios a tudo isto, já na despedida meia dúzia de homens acossados pelo excesso da bebida exibiam copázios como troféu da sua cólera e valentia, ao mesmo tempo que como galos assanhados se esganiçavam para os músicos: “toquem música seus malandros.” Zé Gomes, gesticulando no ar os braços cansados pelo peso do bombo, proferiu em expressão de seráfica santidade. “Paz às suas almas”. Sorvendo a nascente que lhe saciou as entranhas sedentas, um bazófia ainda arregalou os olhos, enquanto resmungava num arrazoado de palavras.